



Ecologias afrodiaspóricas: lutas ambientais, saberes e alianças mais que humanas nos territórios de matriz africana¹

Emmanuel Duarte Almada

DCBIO, UEMG - IBIRITÉ, Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais

Mauricio dos Santos

PPGAn-UFMG, Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais

Flávio Henrique de Oliveira Santos

PPGE- UFMG, Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais - UEMG

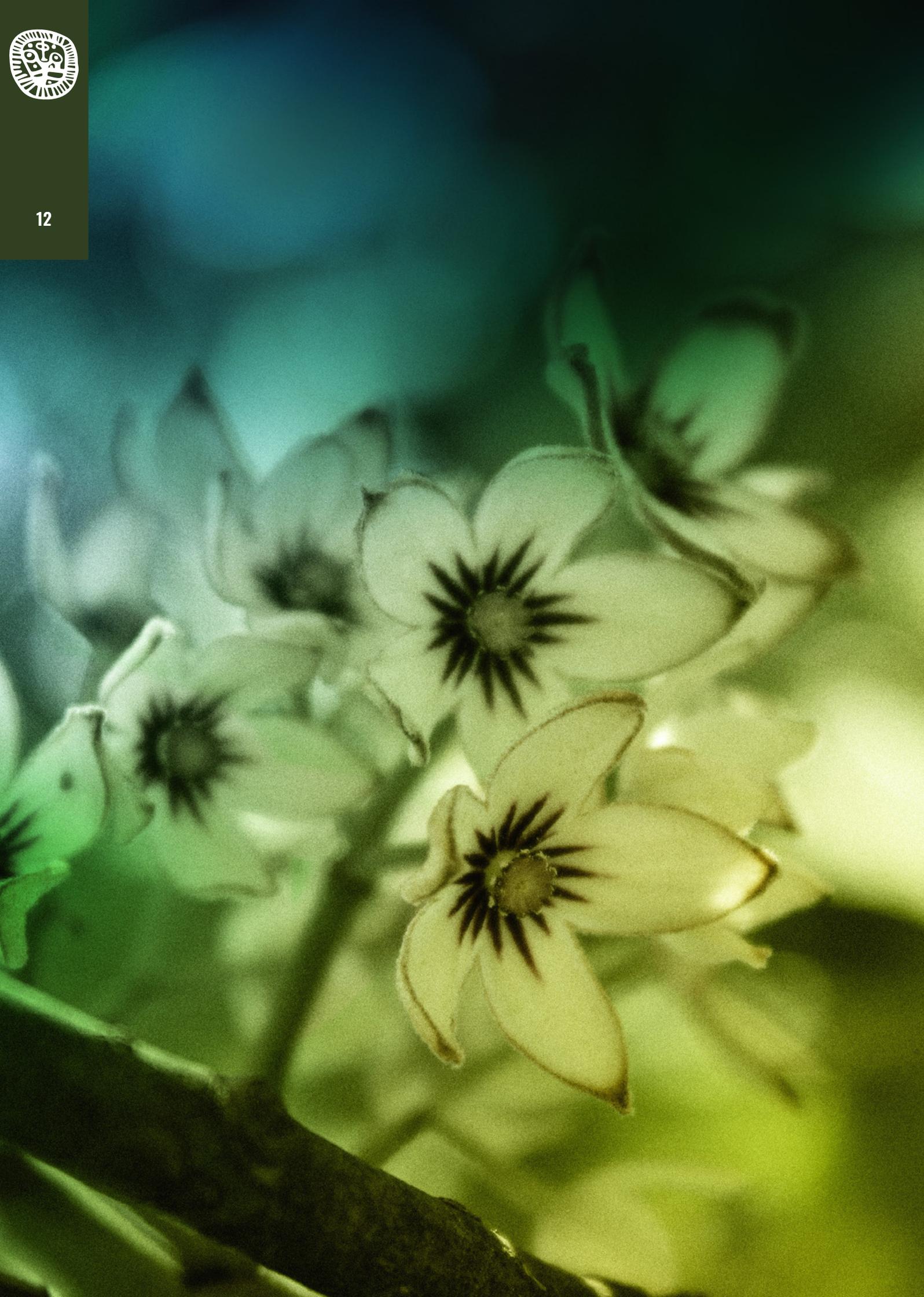
Maria Dolores de Lima e Silva

PPGJS, Ginga UFF, Iyalase do Ase Idasile Ode

Aderbal Moreira Costa

Ashogun do Ilê Omiojuaro, Rede Afroambiental.

¹ Este trabalho, bem como a organização deste dossiê, contou com apoio da FAPEMIG (Processo - APQ-02007-22) e do Edital PQ/UEMG nº 10/202.





Uma das faces da crise ambiental engendrada pelo avanço da máquina de morte do Capital é constituída pela imensa massa de refugiados climáticos que anualmente são obrigados a sair de seus territórios. Embora esses grandes deslocamentos sejam quase sempre noticiados em termos humanos, outras espécies e serem também se deslocam e produzem novas formas de habitar a Terra. Essas grandes migrações forçadas do presente são, em última análise, um outro momento histórico dos grandes deslocamentos forçados que constituem a diáspora africana resultante do tráfico transatlântico dos negros escravizados entre os séculos XVI e XIX e cujos impactos econômicos permitiram a ascensão do próprio Capitalismo como expressão do sistema-mundo moderno-colonial.

Sob a expressão *Ecologias Afrodiaspóricas* abrigamos a diversidade de formas de produzir mundos nas américas tecidas nas alianças entre negros, indígenas, plantas, animais, solos, águas e outros seres que aqui viviam ou que aqui chegaram ao longo dos séculos. Essas *Ecologias Afrodiaspóricas* incluem desde práticas agrícolas e alimentares, modos de cuidar e curar, manejo das florestas, savanas, rios e mares, bem como espiritualidades e religiosidades múltiplas que se conformaram frente à ordem colonial. Por outro lado, também se referem às formas contracoloniais de *aquilombamento* e encantamento das lutas ambientais, denunciando a ferida colonial geradora das crises ecológicas, ao mesmo tempo que anuncia as formas comunitárias de vidas mais que humanas como respostas à perspectiva reacionária da modernização ecológica.

As diásporas, enquanto um modo particular de movimento humano em suas andarilhares pelo planeta, têm ganhado espaço considerável no mundo acadêmico e têm se configurado também como elemento discursivo de ação política. De acordo com Kim D. Butler (2020), “as diásporas são um tipo dinâmico de comunidade baseado na lógica primordial da família; diversas pessoas espalhadas por muitos lugares que, no entanto, se percebem unidas por uma ascendência comum e, em particular, conectadas a um local comum de origem”. As *Ecologias Afrodiaspóricas* são, desta maneira, marcadas por uma referência a um passado comum que, no mundo Atlântico, teve nos navios negreiros seu principal agente dispersor. Todavia, a diáspora que aqui nos interessa não é apenas aquela dos humanos, mas a de todos os seres arrastados entre continentes. A dispersão do dendê para as Américas ou da mandioca para a África implica em uma série de transposições, transformações e negociações ecológicas, ou seja, as chegadas dessas espécies em seu novo lar é, por si só, produtora de novas ecologias.

A compreensão da diáspora e as ecologias delas derivadas, engloba os regimes de conhecimento, as memórias e as relações com os lugares de origem que persistem e estruturam novas alianças nos lugares de destino. Dessa maneira, as ecologias dos candomblés, dos quilombos ou dos quintais das periferias urbanas são compostas tanto pelas relações entre os seres quanto pelo acionamento e mobilização da memória que se desloca em direção ao passado-presente africano. A ideia de diáspora, enquanto produtora de identidades, tem como consequência a criação de formas próprias de engajamento dos indivíduos e coletividades nas lutas ambientais. O enfrentamento ao racismo expresso pelas tentativas de criminalização do abate religioso de



animais pelas tradições de matriz africana assim como as mobilizações quilombolas para a garantia de seus territórios tradicionais são claras manifestações dessas *Ecologias Afrodiaspóricas*, na medida em que evidenciam a colonialidade do ambientalismo liberal.

Ao longo das últimas décadas, uma profusão de trabalhos tem se dedicado a descrever os sistemas de manejo da biodiversidade pelos povos tradicionais de matriz africana nas Américas, especialmente nos contextos latino-americanos e caribenhos. Desde às etnobotânicas do candomblé aos sistemas agrícolas de quilombolas, marrons e cimarrones, temos um considerável conhecimento sobre o fluxo de espécies e conhecimentos entre os continentes. De forma similar, desde a década de 1990, investigações têm destacado o engajamento dos povos de matriz africana nas lutas ambientais e, de maneira mais recente, as diversas expressões do racismo ambiental. Ao propormos um dossiê sobre as *Ecologias Afrodiaspóricas* desejamos destacar o denominador comum destes campos de pesquisa, ou seja, o caráter diaspórico e contracolonial das alianças mais que humanas que ao longo dos séculos tem nos convidado a cultivar outras práticas de cuidado e de vida em comum, outras formas de habitar a Terra e fazer mundos, outras ecologias.

O artigo que abre o dossiê **Ainda é Tempo** de Cristiane Souza e Wanda Araújo, trata da ancestralidade e o exercício religioso dentro dos terreiros, espaços de educação, formação, experiência e preparação política. Além disso, aborda a categoria *lyá*, que contém o ethos da matripotência e que se refere aos cuidados com a manutenção da vida. Diz ainda a respeito da ancestralidade como um conceito que abrange duas noções: a familiar e a religiosa. A primeira se refere aos valores adquiridos em casa, enquanto a segunda se relaciona ao exercício religioso nos terreiros. Por fim, o texto destaca que as pessoas de Axé existem e coexistem em dois mundos: o intra-mariô, no qual estão protegidos por suas sabedorias e energias; e o extra-mariô, o mundo de fora, comum a todos, sendo necessário unir esses dois mundos para enfrentar o racismo, o machismo e outras formas de opressão.

Epistemologias do Sul e saberes de(s)coloniais – pela valorização da produção de conhecimento em África e Abya Yala de Dinazilda Cunha de Oliveira, busca valorizar a produção de conhecimento produzida em África e Abya Yala a partir da metáfora do Sul como campo epistêmico que estuda saberes suprimidos ou marginalizados pelo colonialismo. Aborda que o paradigma afro-centrista convoca todas as populações periféricas a buscar pela mudança nas relações de poder através da valorização de sua própria cultura e evidencia a noção de Ubuntu, um dos princípios organizacionais essenciais das populações Bantu, que defende a primazia da aceitação do outro e das diferenças. O texto confere destaque ao feminismo de(s)colonial e o feminismo negro como os que mais provocam discussões críticas para questionar o status quo dos movimentos feministas. Discute como é importante valorizar e propiciar que o feminismo africano ganhe cada vez mais espaço e informa que o objetivo do paradigma afrocêntrico é que a África-sujeito seja reconhecida e tratada com o respeito que sempre mereceu, reunindo conhecimentos e congregando outros vários que foram relegados à subalternidade.

Aprendendo com e pelo encantar das folhas de Flávio Henrique de Oliveira Santos, Lucas Rafael Germano Alves, Breno Moreira e Emmanuel Duarte Almada, trata sobre a importância dos terreiros de religião de matriz africana para a preservação de saberes ancestrais a partir do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Onã Ewê da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) que busca tecer narrativas construídas nos terreiros, por meio de entrevistas com autoridades tradicionais. As narrativas evidenciam como as plantas são dotadas de agências e que compõem um complexo sociocultural multiespecífico nos terreiros que potencia envolvimentos, emoções e transformações. O texto destaca que a legislação brasileira afirma que os territórios tradicionais



são espaços nos quais emergem relações sociais, políticas, organizacionais e cosmológicas. E que o reconhecimento, valorização e respeito à diversidade socioambiental e cultural dos PCTs (Povos e Comunidades Tradicionais) é fundamental para a preservação destes saberes ancestrais.

Estar com Makaia: povos de terreiro e ecologias das multiplicidades de Lânia Mara Silva mostra como os povos de terreiro, através de suas práticas e rituais, criam ecologias das multiplicidades, onde a natureza, os orixás, as entidades e as pessoas se relacionam de forma simbiótica. Essa relação não é apenas de uso e sacralização, mas também de filiação, convergência e pertencimento. O ritual é a ação que coloca as intenções dos sujeitos em interação com os orixás e entidades. Narra que a especulação imobiliária e as transformações urbanas fazem com que muitas vezes o povo de terreiro tenha que procurar lugares mais afastados, o que evidencia que o mundo religioso de matriz africana no Brasil está em movimento, sendo recriado dinamicamente e conflituosamente. A relação com Makaia é uma forma rizomática de pensar e trabalhar as diferenças.

Ọkàn Mímọ / Ìwà Pẹ̀lẹ̀: ética-ancestral no “caroço de dendê” de Mãe Beata de Yemanjá de Marcos da Silva Júnior explica que Ọkàn Mímọ e Ìwà pẹ̀lẹ̀ são conceitos éticos da filosofia Iorubá, que remontam ao passado e são preservados pelo Candomblé. Estes conceitos extrapolam o «eu» e a ideia de evocação racional hetero-patriarcal-cristã-dogmática. Esses saberes filosóficos africanos e afrodiáspóricos incorporam uma relação com a natureza que é representada pela integralidade do sujeito/ética/amor/natureza. O livro “Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros” de Mãe Beata de Yemanjá, narra a oralidade da sacerdotisa, que dedicou seus esforços à cultura afro-brasileira com Ìwà pẹ̀lẹ̀ e Ọkàn Mímọ, conceitos compartilhados como práticas de cuidado do corpo e da natureza entre os Povos de Terreiro.

Nema: Redescrições de tempo, espaço e protagonistas para um Brasil amefricano de Guilherme Dantas Nogueira e Tânia Mara Campos de Almeida,, fala a respeito de Nema, uma entidade de Umbanda que personifica a conexão entre épocas, paisagens, histórias, raças/etnias e mundos. Nasceu escravizada no Brasil colônia/império oitocentista e, quando faleceu, já havia a Lei Áurea e ela estava liberta. A Umbanda é uma religião afro-religiosa brasileira que se funda nas relações entre povos negros e indígenas, guardiães de cultos à natureza e respeito a ela. Ela é inclusiva a orientais, ciganos, judeus e outras/os, tal qual sua pluralidade e intensa movimentação existencial. Nema é um exemplo de como a história e geografia dos grupos ditos invisíveis e inaudíveis na sociedade nacional são valorizadas e recriadas na Umbanda. As carrancas de Pirapora/MG também são parte desta tradição, com sua origem provável europeia, mas uso em um contexto religioso afroameríndio. Elas são usadas como representações de guerreiros, de comunidades, para afugentar espíritos maléficos e outros perigos sociais e sobrenaturais. A Umbanda é, portanto, um lócus amefricano para e de negros e indígenas, que conecta as pessoas em suas paisagens reais e imaginárias, longínquas e próximas, por meio de Nema.

Etnobotânica do Candomblé em Santa Catarina: um estudo do Estado da Arte de Flávia Koch, Denísia Martins Borba e João Carlos Ferreira de Melo Júnior, visa compreender como as comunidades tradicionais de matriz africana têm garantido o acesso às áreas de floresta para coleta de plantas ritualísticas. Os africanos trouxeram consigo e disseminaram pelo Brasil um número significativo de espécies vegetais, tais como as do gênero *Ocimum*. As folhas/ervas/florestas são concebidas como seres espirituais e como divindades que adquiriram fundamental importância para as comunidades tradicionais de matriz africana. A pesquisa possibilitou a identificação de uma fração da flora de uso ritual utilizada pelas comunidades tradicionais de matriz africana no estado de Santa Catarina e teve como objetivo ampliar o campo de conhecimento sobre o uso



da diversidade florística do Estado e sua potencialidade nos aspectos alimentícios, ritualísticos e medicinais do Candomblé. Além disso, estabelece diálogo entre os saberes populares e científicos.

O artigo **“Behind the Colonial Silence of Wilderness: ‘In Marronage Lies the Search of a World’** de Malcolm Ferdinand, traduzido por Matheus Machado Vaz, aborda o tema do *wilderness*, que tem sido defendido pelos ambientalistas desde o século XIX como essencial para a preservação dos espaços selvagens. O autor critica Malm por não prestar atenção nas formas como os quilombolas nomeiam, conceituam e narram suas experiências. Ferdinand destaca a história do aquilombamento, prática de criação de comunidades afrodescendentes em diferentes espaços como refúgios para lutas pela libertação. Ele também enfatiza a importância de dar voz às mulheres, pobres e minorias racializadas que historicamente foram excluídos dos discursos do *wilderness*.

O artigo **“Seeds of Memory: botanical legacies of the African Diaspora”** de Judith Carney, traduzido por Angela Steward, aborda o papel das culturas africanas nos trópicos do novo mundo durante a expansão ultramarina europeia nas décadas seguintes a 1492. A literatura sobre o intercâmbio colombiano ignora o papel das culturas africanas nos trópicos do novo mundo, mas durante o período inicial de desenvolvimento das *plantations*, os africanos escravizados desempenharam um papel crucial na dispersão das plantas e animais africanos para alimentação através do oceano Atlântico. O comércio transatlântico de escravos impulsionou a chegada de várias plantas africanas apreciadas por suas propriedades medicinais às Américas.

O artigo **“Landscapes and Resistance in the African Diaspora: Five Centuries of Palm Oil on Bahia’s Dendê Coast”** de Case Watkins, traduzido por Rafael Barbi Costa e Santos, apresenta uma análise histórica do dendê na Bahia, enfatizando sua importância como uma expressão agroecológica da diáspora africana e como uma forma de resistência às imposições coloniais. O texto destaca que o dendê emerge de uma paisagem cultural biodiversa construída através de cinco séculos de intercâmbio socioecológico transatlântico, em contraste com as monoculturas agroindustriais que dominam a produção global. O artigo também aponta que, apesar dos esforços de transformação em uma monocultura moderna, os dendezais emergentes e as paisagens policulturais tradicionais ainda dominam o uso da terra na região. O estudo integra obras recentes da diáspora africana interessados em compreender a proliferação das paisagens tradicionais de dendê da Bahia

Encerrando o dossiê, o texto **As Ecologias de Ngoma: a vida multiespécie do Candombe do Açude**, de Emmanuel Duarte Almada, em coautoria com Flávio José dos Santos (Mestre Cutá) e Shirlene Sabina dos Santos (Mestra Chia), apresenta uma breve descrição das ecologias produzidas nas relações entre humanos, tambus e outros saberes que participam do candombe do Quilombo do Açude, comunidade a que pertencem os dois coautores do artigo. O texto traz elementos importantes para se compreender a estrutura ritual do candombe, enquanto parte das tradições de matriz africana dos reinados e congados. O candombe é descrito como um momento de afirmação e produção de alianças entre seres, uma *ecologia de ngoma*, em referências às comunidades de ngoma dos povos banto, dos quais descendem grande parte da comunidade negra brasileira. As transformações do candombe são compreendidas pelos autores como expansão das alianças que compõem essa ecologia afrodiáspórica, reafirmando um modo de ser comunidade (mais que humana) orientado pela partilha, a festa e a alegria.

Desejamos que este dossiê se torne uma semente-ancestral, capaz de gerar reflexões sobre a influência das sementes plantadas por nossos antepassados, especialmente pelas matriarcas, em nosso presente e futuro. Essas sementes-ancestrais representam ecologias, tecnologias e conhecimentos de origem africana, transmitidos e atualizados de geração em geração como



um legado para futuros plantios. A ancestralidade não está atrás, não é algo ultrapassado ou antiquado, mas sim uma força dinâmica em constante evolução, moldando os mundos produzidos por comunidades multiespécies afrodiaspóricas. A ancestralidade está na frente, pois são as sementes-ancestrais a base para a construção das comunidades, inclusive com outros seres que habitam o mundo, isto é, o futuro é ancestral. A ancestralidade é tanto a fonte quanto o resultado das nossas ações no presente. Ou, como nos ensina a expressão afro „Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje“, devemos agir levando em conta os ensinamentos da nossa ancestralidade para construir um passado futurista. Estas *Ecologias Afrodiaspóricas*, germinadas de sementes-ancestrais e nascidas das feridas coloniais, são também, nas palavras de Ailton Krenak (2019), modos “adiar o fim do mundo”. Que Írókò sustente os céus, e traga até nós a memória e a sabedoria de nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, K. D. Definições de Diáspora: articulações de um discurso comparativo. In. BUTLER, K.D.; DOMINGUES, P. **Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras**. Editora Perspectiva S/A, 2020, p.1-36
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora Companhia das letras, 2019.